

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: 73

Data: 13.04.79

Pg.: _____

Andreaza quer rever o processo de Merure

FSP 13.04.79

BRASILIA (Sucursal) — Fontes do Ministério do Interior afirmaram ontem que o ministro Mário Andreaza pediu vistas ao processo de Merure, aberto para apurar as mortes do padre Rodolfo Lukeibein e do índio Simão, ocorridas em 1976, em Mato Grosso. No julgamento de Barra do Garça, no mês passado, o principal acusado, o fazendeiro João Mineiro, foi absolvido pela maioria absoluta dos jurados.

Ao saber do pedido de Andreaza, o missionário Antônio Iasi comentou: "Oxalá o sr. ministro já não esteja sofrendo pressões de grupos econômicos. Se isso acontecer num caso como o de Merure, onde os fazendeiros são de pequeno e médio porte, o que não acontecerá quando estiver em jogo a ganância dos grandes?"

ARBITRARIEDADE

Para Iasi, o julgamento do caso Merure, "é um exemplo flagrante da arbitrariedade com a qual são tratados assuntos que envolvem de um lado, os pequenos e de outro, os poderosos. Tanto é assim, que a própria Funai e agora, a iniciativa partida do ministro do Interior, demonstram que um tribunal do interior julga de acordo com a conveniência de quem detem o poder econômico, no caso presente, o fazendeiro João Mineiro".

Este é um dos aspectos apontados por Iasi para um desgaste precoce da nova diretoria da Funai, caso não consiga a realização de novo julgamento. Outro ponto pode ser a decepção visível dos quatro índios Guajajaras, representantes de mais de mil índios do posto Bacurizinho, a 24 quilômetros de Grajaú, no Maranhão, que voltaram para suas terras insatisfeitos com os contatos mantidos com os novos diretores do órgão.

Há vinte anos esses índios vêm lutando para ter suas terras demarcadas, mas ainda não encontraram o apoio que

esperam da Funai, assim como não encontraram no antigo SPI. Um dos intrusos de sua área era o japonês Iukio Akashi "que afinal está fora de combate", mas a luta continua agora com o objetivo de desalojar da área a Fazenda Belo Sonho, de propriedade de Raimundo Rodrigues, segundo informou Iasi.

A firma demarcadora da terra dos Guajajaras — SETAG — ligada à Plantel, que tem ganho quase todas as concorrências da Funai não estava seguindo o traçado do decreto presidencial de demarcação, lesando com isso aquele grupo indígena.

Por isso foi enviada a Brasília uma delegação de quatro índios que ouviram de diretores da Funai que a questão continuaria sendo conduzida como estava até o momento. Os índios chegaram a comentar que os novos diretores estavam mais a serviço do fazendeiro do que dos índios e avisaram que não poderiam prever a reação dos 1200 índios existentes na área do posto Bacurizinho.

XAVANTES

Enquanto isso, os Xavantes do Posto Couto Magalhães, cujas terras lhes foram tomadas na quase totalidade pela Fazenda Xavantira — que já pertenceu a um grupo americano — aguardam as promessas do atual diretor do Departamento Geral de Operações, coronel Leal Neto, que afirmou que as terras serão devolvidas até março do próximo ano.

Mas, como se pode observar pela persistência dos índios de Pimentel Barbosa, que chegaram a invadir as fazendas e acabaram por conseguir os novos limites reivindicados — os índios Xavantes não parecem dispostos a esperar mais um ano, uma vez que seus filhos já começam a passar fome, devido à má qualidade da terra que lhes sobrou, segundo relato do cacique Celestino, que há um ano está acampado nas imediações da fazenda.